

Clarice
Lispector
100
ANOS
entre
outras
artes

**Clarice, a tradutora
entre mil e uma noites**

*Clarice, the translator
between a thousand
and one nights*

Rony Márcio Cardoso Ferreira *

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Recebido em: 14/06/2020

Aceito para publicação em: 30/06/2020

Resumo

Clarice Lispector escreveu e publicou crônicas semanárias no Jornal do Brasil, a partir de 1967. Sua atividade como cronista foi de suma importância para o seu projeto literário, visto que, com frequência, a autora de *A paixão segundo G. H.* utilizou o espaço do jornal para refletir sobre o seu papel de escritora, jornalista, tradutora, mãe, intelectual, bem como tratou dos constantes entraves vivenciados diante do processo criador. Nesse contexto, Clarice publicou, em um pequeno espaço do “Caderno B” do referido jornal, uma tradução do conto “Historia de los dos que soñaron”, de autoria inicialmente atribuída a Jorge Luis Borges, apesar de a edição do periódico não ter apresentado o feito como uma tradução. A partir disso, o presente artigo visa a um estudo da pequena versão e seu possível vínculo ao projeto da escritora, considerando o fato de que as traduções por ela assinadas ocuparam, não raras vezes, o lugar da criação literária frente aos leitores do jornal e, por conseguinte, atrelaram seus papéis de escritora e tradutora. Vale ressaltar que a tradução da pequena narrativa evoca complexos entraves no âmbito tradutório, pois o texto atribuído ao escritor argentino na página do jornal trata-se, na verdade, de uma tradução da noite 351 d’*As mil e uma noites* efetuada por Borges e publicada em *Historia universal de la infamia* (1935). Desse modo, objetivamos problematizar, por meio dos Estudos da Tradução em sua interface com a Literatura Comparada, a maneira por meio da qual a escritora brasileira entra em contato com narrativas orientais e se mostra, talvez, inconscientemente, enviesada por todo um modo borgeano de criação/tradução.

Palavras-chave: Clarice Lispector tradutora. Jornal. Tradução. Estudos da Tradução. Literatura Comparada.

Abstract

Beginning in 1967, Clarice Lispector wrote and published weekly chronicles in the *Jornal do Brasil*. Her activity as a chronicler was of great importance for her literary project, since the author of *The Passion* according to G.H. frequently used this métier to reflect on her role as writer, journalist, translator, mother, intellectual, as well as to deal with the constant obstacles experienced in the creative process. In this context, Clarice published, in a small piece of the newspaper’s “Section B”, a translation of the short story “Historia de los dos que soñaron”, initially attributed to Jorge Luis Borges, although the edition had not presented it as a translation. In this sense, the present article aims at analyzing that short version and its possible association to the writer’s project, considering the fact that the translations signed by her often occupied the place of literary creation before the readers of the newspaper, who consequently hitched her writer and translator roles. It is worth emphasizing that rendering such small narrative evokes complex obstacles in the scope of translation, since the text attributed to the Argentine writer on the page of the newspaper is in fact his translation of night 351 of the *One thousand and one nights*, published in *Historia universal de la infamia* (1935). In this way, we aim to problematize, through the Translation Studies in its interface with Comparative Literature, the Brazilian writer’s approach when coming into contact with Oriental narratives, deducing if she was, perhaps, unconsciously biased by a Borgesian way of creation/translation.

Keywords: Clarice Lispector translator. Newspaper. Translation. Translation Studies. Comparative Literature.

* Professor Adjunto da área de Literatura Brasileira da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Literatura (PósLIT) pela Universidade de Brasília (UnB).

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4462445638743563>>.

ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-4084-3956>>.

E-mail: <cardoso_rony@hotmail.com>

A crônica de Clarice: lugar de performance tradutória

Vocês podem me dizer o que lhes interessa, sobre o que gostariam que eu escrevesse. Não prometo que sempre atenda o pedido: o assunto tem que *pegar* em mim, encontrar-me em disposição certa. (LISPECTOR, 1999, p. 466, grifo da autora).

Na passagem acima, fragmento da crônica “Não sei”, publicada em 1973 no Caderno B do *Jornal do Brasil*, Clarice Lispector dialoga com seu público e, ao mesmo tempo, afirma estar disposta a saber o que os seus leitores gostariam que ela escrevesse semanalmente. Contudo, sem alguma ressalva, Clarice deixa claro que o assunto de seus textos deveria primeiro “pegar” nela, ou seja, entrar em contato com a própria autora, para depois chegar a seu público. Essa proposição torna-se emblemática frente aos textos da jornalista na medida em que encontramos, em distintas crônicas publicadas entre 1967 e 1973, fragmentos traduzidos de textos alheios ocupando o espaço semanário das crônicas assinadas por Lispector. Se o assunto tinha, então, que “pegar” na escritora, como bem afirma, parece-nos que os fragmentos traduzidos, de certa forma, “pegaram” em Clarice e, por isso, foram vertidos em crônicas e traduzidos de uma língua para outra.

A estreita relação com textos alheios parece ter sido recorrente no projeto literário da escritora. A título de exemplo, podemos nos lembrar do conhecido comentário que Autran Dourado fizera por ocasião da leitura de *A maçã no escuro*. O escritor disse à amiga que teria encontrado em seu livro um trecho de Nietzsche escrito em outras palavras. Clarice declarou que realmente tinha copiado um fragmento do filósofo, mas pediu a Autran que não contasse a ninguém (Cf. MONTERO, 1999, p. 278-279). No caso das crônicas, a cópia do outro em si não é tão velada quanto no romance, pois o ato tradutório proporciona à intelectual uma posição de maior conforto, visto que pode declarar (por mais que omita algumas informações como o próprio nome do autor) a sua prática de traduzir textos outros e transformá-los em seus. A tradução para Lispector, sob tal ótica, passa a ser um horizonte possível, tendo em vista sua familiaridade com o ofício antes mesmo da publicação de seu primeiro romance.

Clarice traduziu, em várias de suas crônicas, textos de escritores estrangeiros, exercendo um papel, no mínimo, duplo. Em um mesmo texto, temos a cronista que sabe o quanto a tradução pode ajudar no desencadeamento de temas vários e uma escritora que transgredir o gênero enquanto forma, fazendo dele um espaço de performance tradutória e apresentando ao público os textos que lhe “tocavam”. É neste âmbito da tradutora-cronista que aparece publicada, também no Caderno B, do mesmo jornal, em 1969, a tradução assinada por Lispector do conto “História de los dos que soñaron”, de Jorge Luis Borges. A princípio, talvez tenha passado despercebido ao leitor da época que o texto do sábado de 27 de dezembro não era uma crônica, mas sim uma tradução. O pequeno texto ocupou, na página do jornal carioca, o espaço sempre destinado às crônicas de Clarice.

Mais uma vez, a tradução usurpava o ofício da jornalista, mostrando-se como tarefa escritural contínua de seu projeto, tendo em vista que não consta nenhuma referência explícita, na página do jornal, de que o texto publicado se tratava, em sua integridade, de uma tradução, muito menos encontramos mencionados o texto de partida (edição, ano, volume...) ou a língua a partir dos quais a versão teria sido realizada:



Clarice Lispector

“HISTÓRIA DOS DOIS QUE SONHARAM”, JORGE LUIS BORGES

O historiador árabe El Izaqui conta este fato:

“Contam os homens dignos de crédito (só Alá é onisciente e poderoso e misericordioso e não dorme) que houve no Cairo um homem possuidor de riquezas, mas tão magnânimo e liberal que perdeu tudo, menos a casa de seu pai e que se viu forçado a trabalhar para ganhar o pão. Trabalhou tanto que o sono o surpreendeu uma noite debaixo de uma figueira de seu jardim e viu no sonho um homem que tirou da boca uma moeda de ouro e lhe disse: “Tua fortuna está na Pérsia, em Isfaján; vá buscá-la.” Na madrugada seguinte acordou e iniciou a longa viagem e enfrentou os perigos dos desertos, dos navios, dos pratos, dos idólatras, dos rios, das feras e dos homens. Chegou afinal a Isfaján, mas, ao entrar nessa cidade, a noite o surpreendeu e ele se dispôs a dormir no pátio de um templo. Havia, junto ao templo, uma casa, e pela Lei do Deus Todopoderoso, uma quadrilha de ladrões atravessou o templo e entrou na casa, e as pessoas que dormiam acordaram com o barulho dos ladrões e pediram socorro. Os vizinhos também gri-

taram, até que o capitão dos guardas noturnos daquele distrito acudiu com seus homens e os bandidos fugiram pelo terraco. O capitão ordenou que revistassem o templo, e ali encontraram o homem do Cairo e o acotaram de tal maneira com varas de bambu que o infeliz ficou quase à morte. Dois dias depois voltou aos sentidos no cárcere. O capitão mandou buscá-lo e lhe disse:

— Quem és e qual é a tua pátria?

O outro respondeu:

— Sou da famosa cidade do Cairo e meu nome é Mohamed El Magrabi.

O capitão perguntou: “Que te trouxe à Pérsia?” O outro optou pela verdade e lhe disse: “Um homem me ordenou em um sonho que viesse a Isfaján, porque aí estava minha fortuna. Já estou em Isfaján e vejo que essa fortuna que me prometeu devem ser os acoites que tão generosamente me deste.”

Diante de semelhantes palavras, o capitão riu até aparecerem os dentes de siso e acabou dizendo:

— Homem desatinado e crédulo, três vezes já sonhei com uma casa, na cidade do Cairo, em cujos fundos há um jardim,

e no jardim um relógio de sol e depois do relógio do sol uma figueira e logo abaixo da figueira uma fonte e debaixo da fonte um tesouro. Nunca dei o menor crédito a essa mentira. Enquanto tu, filho de uma mula com um demônio, vieste errando de cidade em cidade, guiado apenas pela fé em teu sonho. Que eu jamais te torne a ver em Isfaján. Toma estas moedas e vai.

O homem recebeu as moedas e regressou à pátria. Debaixo da fonte de seu jardim (que era a do sonho do capitão) desenterrou o tesouro. Assim Deus o abençoou e recompensou e exaltou. Deus é o Generoso, o Oculto.”

(Do livro História Universal da Infância).

A SENTENÇA

(Narrativa de Wei Cheng-en — seleção de J. Luis Borges e Adolfo Casares).

“Aquela noite, o imperador sonhou que havia saído de seu palácio e que na obscuridade caminhava debaixo das árvores em flor. Algo se arrojou a seus pés e lhe pediu proteção. O imperador atendeu: o suplicante disse que era um dragão

e que os astros lhe haviam revelado que no dia seguinte, antes do anoitecer, Wei Cheng, ministro do imperador, lhe cortaria a cabeça. Em sonho, o imperador jurou protegê-lo.

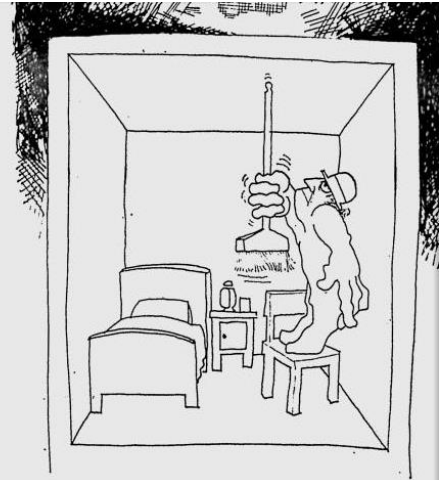
Ao despertar, o imperador perguntou por Wei Cheng, o ministro. Disseram-lhe que não estava no palácio. O imperador o mandou buscar e o manteve ocupado o dia inteiro, para que não matasse o dragão, e à tarde convidou-o a jogar xadrez. A partida foi longa, o ministro estava cansado e terminou dormindo.

Um estrondo abalou a terra. Pouco depois, dois capangas entraram trazendo uma imensa cabeça de dragão empapada em sangue. Atraram-na aos pés do imperador e gritaram:

— Caiu do céu!

Wei Cheng, que havia despertado, olhou-a perplexo e observou:

— Que estranho! Eu sonhei que matava um dragão assim. Para os que gostam de interpretações, tento duas: na primeira prova, de Borges, a moral é que nossa fortuna está é conosco mesmo. Na narrativa de Wei Cheng-en, vê-se talvez o signo da fatalidade, da qual não se pode fugir.



“História dos dois que sonharam”, Jorge Luis Borges, por Clarice Lispector, publicado no *Jornal do Brasil* em 27 de dezembro de 1969. Fonte: acervo digital do *Jornal do Brasil*¹.

Torna-se operante salientar que o conto traduzido e publicado no lugar na crônica semanal não está reproduzido em *A descoberta do mundo*, pois, talvez, a própria crítica, à época da primeira edição do volume de crônicas em 1984, já tivesse percebido que o texto era na verdade uma tradução. Em 2001, a versão do conto assinada por Clarice foi republicada em *Borges no Brasil*, na seção “Brasil: primeiras vozes”, organizado por Jorge Schwartz. No volume de 2001, já aparece inscrita a indicação de que a tradução levada a cabo por Lispector deu-se a partir do livro *História universal da infância*, fato esse comprovado, possivelmente, pelo próprio organizador do livro.

Podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que as crônicas publicadas por Clarice entre a segunda metade dos anos de 1960 e o início da década posterior constituem-se material de grande importância para situarmos uma espécie de (in)consciência tradutória que sempre esteve, de uma forma ou de outra, presente no projeto da escritora, pois quando tais crônicas não eram tomadas para alguma reflexão acerca do ato tradutório, como ocorre em “Traduzir procurando não trair” (crônica publicada na *Revista Jóia*, em maio de 1968, e hoje reproduzida em *Outros escritos*), serviram de suporte para que Clarice continuasse exercendo o seu ofício de tradutora, vertendo textos e fragmentos de outras línguas que ora suplementaram sua criação, ora tornaram-se espaços de tradução.

Das impossibilidades da origem ou Do falseamento de histórias alheias

Quanto aos exemplos de magia que finalizam o volume, não tenho outro direito sobre eles que os de *tradutor e leitor*. Às vezes creio que os bons leitores são poetas excelentes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores [...]. Ler, pela primeira vez, é uma atividade posterior a de escrever:

¹ Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?id=htcRAAAAIBAJ&sjid=qu8DAAAIBAJ&hl=pt-BR&pg=4768%2C3277446>>.

mais resignada, mais civil, mais intelectual (BORGES, 1969, p. 7-8, grifos e tradução nossos²).

O fragmento epigráfico de Jorge Luis Borges foi escrito por ocasião do prólogo à primeira edição de seu livro *Historia universal de la infamia*, de 1935, republicado em 1954 pela Emecé Editores, S.A, de Buenos Aires. Esse prólogo, preservado nas oito edições posteriores lançadas por tal editora entre os anos de 1954 e 1969, deixa evidente ao leitor do volume dois aspectos relevantes tanto ao próprio livro, quanto à obra de seu autor (de maneira geral): criação, tradução e leitura são operações indissociáveis no universo literário borgeano; o bom leitor é, segundo afirma Borges, uma espécie de escritor que reescreve histórias alheias em seu ato intelectual de recepção. A partir desses dois aspectos, chegamos a uma premissa maior: todo escritor é antes de tudo um leitor. Não por acaso, sempre encontramos nas narrativas do escritor argentino problemas circunscritos à leitura, à investigação detetivesca, aos labirintos, à tradição, à reescritura, à tradução, entre outros, urdidos e levados ao máximo em suas cotidianas histórias dos “homens de letras” (ARROJO, 1993, p. 152), sejam eles escritores, leitores ou tradutores.

Se, por um lado, essas questões são conhecidas no âmbito da crítica que se propõe a trilhar os labirínticos caminhos da ficção de Borges, por outro, elas se fazem importantíssimas frente ao projeto intelectual de Clarice Lispector, principalmente no que se refere à tradução do conto “Historia de los dos que soñaron”. Esse conto e outras narrativas curtas de temáticas variadas, mas relacionáveis entre si, compõem o livro *Historia universal de la infamia*. À época de sua reedição em 1954, Borges escreveu mais um prólogo (“Prólogo a la edición de 1954”), afirmando ser a escrita do livro motivada por seu desejo de produzir contos autorais, porém o escritor argentino logo confessa que se distraiu na composição das narrativas; efetuando, na verdade, um exercício de leitura e falseamento de histórias alheias (Cf. BORGES, 1969, p. 10).

Coincidência ou não, Lispector traduz o referido conto de Borges, publicando-o em sua coluna semanária do *Jornal*. Ao leitor das crônicas clariceanas publicadas aos sábados, como já afirmamos, a referida tradução talvez tenha passado despercebida, pois a única informação que nos leva a essa premissa é uma anotação feita por Clarice, aposta logo abaixo do conto, na página do jornal, onde se lê: “Do livro *História universal da infância*”. Esse índice, em um primeiro momento, causa certa estranheza, pois Borges não possui nenhuma obra com tal título. Aqui, talvez, por um simples equívoco tipográfico, a única referência a um possível original vê-se logo embaralhada, tornando a tarefa da pequena tradução mais babélica do que se pode imaginar. Esse equívoco será reparado apenas em 2001, quando Jorge Schwartz republica, em *Borges no Brasil*, a versão assinada por Lispector, informando que o texto em português é uma tradução de um conto presente em *Historia universal da infância* (Cf. SCHWARTZ, 2001, p. 13-14, 314).

O fato parece banal, mas no âmbito do universo borgeano faz toda diferença, pois a escritora brasileira se deixa levar por uma distração semelhante a que se deixou guiar Borges na escrita de seu livro, como o escritor afirmou em 1935. Por um lado, temos uma escritora que falseia a história borgeana, publicando-a como crônica; por outro, uma tradutora que remete seus leitores do jornal a uma origem textual impossível: um livro não existente (*História universal da infância*), em um duplo sentido. Além de Borges não possuir nenhum livro com esse título, o escritor registra na edição de 1954 de *Historia universal de la infamia*, logo após o conto “Historia de los dos que soñaron”, a seguinte nota: “Del *Libro de las 1001 noches*, noche 351” (BORGES, 1969, p. 119). Aqui, mais uma vez, temos a origem adiada do texto traduzido. Isso ocorre porque Borges sinaliza que seu texto em espanhol é uma possível versão de uma das mil e uma noites narradas por Sherazade, esposa do rei Shariar, em virtude do adiamento de sua morte. Entretanto, bem ao modo borgeano,

² “En cuanto a los ejemplos de magia que cierran el volumen, no tengo otro derecho sobre ellos que los de traductor y lector. A veces creo que los buenos lectores son cisnes aun más tenebrosos y singulares que los buenos autores [...]. Leer, por lo pronto, es una actividad posterior a la de escribir: más resignada, más civil, más intelectual” (BORGES, 1969, p. 7-8). Optamos pelo sentido figurado da palavra “cisne” que também significa, por extensão, “poeta ou músico excelente”, tendo em vista o contexto do fragmento.

não há nenhuma pista, no volume de 1954, do original que Borges consultara para efetuar seu falseamento de história alheia, como ele mesmo afirma no prólogo já citado³.

Somente a partir dos “Prólogos” de 1935 e 1954, respectivamente, é que podemos entender a proposta maior de Borges em “Historia de los dos que soñaron”: ler, traduzir e falsear histórias alheias de origens remotas e sem paternidade. Bem distante do famoso Pierre Menard – que exclui “o prólogo autobiográfico da segunda parte do *Dom Quixote*” (BORGES, 2007, 39) em virtude da cópia/tradução a que se lança –, Jorge L. Borges “entrega-se” por meio dos referidos prólogos e, por extensão, também nos faz “entregar” Clarice Lispector quando o assunto é a tradução publicada, no *Jornal do Brasil*, em 1969. Dessa forma, Clarice, assim como Borges, passa a integrar uma tradição de escritores-tradutores que se escamoteiam e, simultaneamente, entregam-se ao sabor infinito da reescrita, dos empréstimos furtivos e da origem adiada.

Por extensão, podemos pensar em uma Clarice que lê/traduz, como fizera em várias crônicas do Caderno B do *Jornal do Brasil*, assumindo uma autoria dissimulada e, ao mesmo tempo, lançando o que se entende por origem a um universo infinito e impreciso no qual se movimentam os atos de criação. A intelectual, em um primeiro momento (1969), não assume diretamente a tradução do conto a partir de Borges, mas, em um segundo (à época da republicação da versão no livro de Schwartz, em 2001), a tradução passa a ser atribuída à escritora. Assim, acreditamos que a tradução só se tornou “assumida” a partir do momento em que Jorge Schwartz insere a versão de Lispector, cuja exposição deu-se inicialmente como uma crônica de jornal, na seção “Brasil: primeiras vozes” do livro *Borges no Brasil* (2001). Conforme o pesquisador, na apresentação do volume, “aos textos ‘históricos’ [...], acrescentamos [...] uma tradução de Clarice Lispector, ‘História dos dois que sonharam’, publicada no *Jornal do Brasil*” (SCHWARTZ, 2001, p. 14). A partir de então, o texto traduzido passa a ser notado como uma tradução de um texto anterior, uma tradução (involuntariamente) assumida (*assumed translations*)⁴.

Em *História da eternidade* (1936), Borges apresenta, como lhe é de costume, uma espécie de dinastia dos tradutores d’*As mil e uma noites* nas línguas francesa, inglesa e alemã⁵, colocando-os em confronto e apresentando as singularidades de cada um deles a partir de suas traduções. Entretanto, o que mais nos interessa é a noção delineada por Borges acerca da tarefa tradutória. Noção essa que talvez o acompanhou quando leu/traduziu a noite 351, em *Historia universal de la infamia*, pois, conforme o escritor,

Traduzir o *espírito* é uma intenção tão imensa e tão utópica que bem pode parecer inofensiva; traduzir a *letra*, uma precisão tão extravagante que não há perigo de que a ensaiem. Mais graves do que esses infinitos propósitos é a manutenção ou a supressão de certos pormenores; mais grave do que essas preferências e esquecimentos é o *movimento sintático* (BORGES, 2010, p. 87, grifos nossos).

Três níveis são pontuados na passagem: o espírito, a letra e a sintaxe, sendo este último o de maior desafio a todo tradutor, segundo Borges, que opta por eleger o “movimento sintático” como o nível mais especial e problemático em exercícios de tradução. Em sentido mais amplo, o escritor argentino também já tinha tratado da tradução em 1932, quando publica os textos hoje reunidos em *Discussão*. No ensaio “As versões homéricas”, Borges afirma que o problema mais consubstancial à literatura é o que propõe uma tradução, cujo exercício deve ilustrar uma discussão estética. Segundo ele, não é essencial a existência da

³ Supomos que Jorge L. Borges tenha lido/traduzido a noite 351 do *Livro das mil e uma noites*, a partir de alguma versão em língua inglesa dos contos populares oriundos do Oriente Médio e do Sul da Ásia, cuja compilação deu-se inicialmente em árabe. Afirmamos isso, pois a edição do livro *História universal de la infamia* de 1954 é dividida em três partes (“História universal de la infamia”, “Hombre de la esquina rosada” e “Etcétera”), seguidas de um “Índice de las fuentes [Índice das fontes]”, em que o escritor enumera todos os livros consultados/traduzidos para a composição da primeira parte da obra. Nesse índice, encontram-se mencionados apenas títulos em inglês de traduções de livros cuja autoria é desconhecida (Cf. BORGES, 1969, p. 135). Sugestivo também é o fato de que o conto “Historia de los dos que soñaron”, traduzido por Clarice Lispector, integra a parte que se intitula “Etcétera”, como se o escritor argentino já estivesse sinalizando, de antemão, que o texto em espanhol carrega uma infinitude autoral e literária, que não interessa ou se deixa expressar, em alguma língua: a resvalada origem do texto em questão. Nas palavras de Borges, “quanto aos exemplos de magia que finalizam o volume [seção “Etcétera”], não tenho outro direito sobre eles que os de tradutor e leitor” (BORGES, 1969, p. 7, tradução nossa).

⁴ Expressão empregada por Gideon Toury, em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995).

⁵ Entre eles, o escritor argentino elenca alguns tradutores: Richard Francis Burton, Jean Antoine Galland, Edward Lane, Newman Arnold, John Payne, J. C. Mardrus, Gustav Weil, Max Henning, Félix Paul Greve e Enno Littmann.

troca de idiomas para se pensar nesse problema, principalmente se uma ideia mais ampla de tradução for veiculada dentro de uma mesma literatura (Cf. BORGES, 2008, p. 103), já que um rascunho pode não ser inferior ao seu original, o poeta do presente menos relevante que o do passado ou, ainda, o texto sucessor menos rico que o precedente. Assim, Borges defende a ideia de texto fora de qualquer fixidez, pois “o conceito de *texto definitivo* não corresponde senão à religião e ao cansaço” (BORGES, 2008, p. 104).

As traduções não seriam, sob essa égide, mais pobres que um (im)possível original, seriam sim todas sinceras, genuínas e divergentes entre si, postulado que descarta a fidelidade como via de mão única; tanto é que, depois de comparar inúmeras versões da *Odisseia*, de Homero, Borges chega à seguinte conclusão: “Qual dessas muitas traduções é fiel? talvez queira saber meu leitor. Repito que nenhuma ou que todas” (BORGES, 2008, p. 103). Nessa perspectiva da teoria borgeana da “derrota” (SCHWARTZ, 2001, p. 193) e das diferenças, a máxima clariceana do *traduzir procurando não trair* ao outro e a si mesma torna-se totalmente compreensível e aceitável, visto que “a transformação da realidade e até mesmo do sujeito em textos implica que [...] eles são o resultado inevitável de um processo incessante e abrangente de reescritura que para sempre os reconstitui em diferença e em mudança” (ARROJO, 2001, p. 154). É com base em tais postulados que passaremos a uma leitura da tradução feita por Clarice em 1969, considerando o texto de Borges como o local de partida da tradutora brasileira. Partida essa que se volta a outras partidas babélicas por excelência e assim sucessivamente.

Entre o oculto e o manifesto

Non entendo de sonhos, mas uma vez anotei um que me parecia, mesmo sem eu o entender, querer me dizer alguma coisa (LISPECTOR, 1999, p. 150).

O conto traduzido por Clarice apresenta-nos a história de um homem do Cairo que perdeu toda a sua riqueza e, devido à exaustão do trabalho a que se submeteu para garantir seu sustento, sonhou com um homem que lhe dizia, em sonho, da existência (na cidade de Isfaján, na Pérsia) de uma fortuna pertencente ao sonhador. Na narrativa, lemos:

Cuentan los hombres dignos de fe (pero solo Alá es omnisciente y poderoso y misericordioso y no duerme), que hubo en El Cairo un hombre poseedor de riquezas, pero tan magnánimo y liberal que todas las perdió menos la casa de su padre, y que se vió forzado a trabajar para ganarse el pan. Trabajó tanto que el sueño le rindió una noche debajo de una higuera de su jardín y vió en el sueño un hombre empapado que se sacó de la boca una moneda de oro y le dijo: ‘Tu fortuna está en Persia, en Isfaján; vete a buscarla’

(BORGES, 1969, p. 117, grifo nosso).

Contam os homens dignos de crédito (só Alá é onisciente e misericordioso e não dorme) que houve no Cairo um homem possuidor de riquezas, mas tão magnânimo e liberal que perdeu tudo, menos a casa de seu pai e que se viu forçado a trabalhar para ganhar o pão. Trabalhou tanto que o sono o surpreendeu uma noite debaixo de uma figueira de seu jardim e viu no sonho um homem que tirou da boca uma moeda de ouro e lhe disse: ‘Tua fortuna está na Pérsia, em Isfaján; vá buscá-la’

(BORGES, 2001, p. 313).

Quando comparamos o texto em espanhol à tradução de Clarice, observamos que a escritora-tradutora procura levar à prática o seu método de traduzir frase por frase, com o intuito de “traduzir procurando não trair” (LISPECTOR, 2005, p. 115). Entretanto, um único ponto é digno de menção: Lispector não traduz o termo “empapado”, subtraindo-o, talvez porque o sentido imediato da palavra tenha colocado a tradutora em questionamento, visto que o termo pode significar, segundo o Dicionario de la Real Academia Española, “umedecido, molhado em água de chuva” e, por outro lado, também é alusivo à expressão “em papa” que, com algumas variações, nos remete à “mentira”, em sentido coloquial, e também não deixa de se reportar à “gordo”, solução essa pela qual o tradutor Flávio José Cardozo opta ao traduzir o livro de Borges, em 1988, para a Editora Globo (Cf. BORGES, 1988, p. 60). Esse detalhe evidencia que, se Clarice, por um lado, preocupava-se em respeitar o autor e o texto de partida, por outro, não deixava de eleger termos que eram seus, ou suprimi-los também quando necessário, como ocorreu neste caso. Nas palavras da tradutora: “respeito os autores que traduzo, é claro, mas procuro me ligar mais no sentido do que nas palavras. Estas são bem

minhas, são as que elejo” (LISPECTOR, apud COUTINHO, 1980, p. 166, grifo nosso) e, por extensão, as que não eleje, deixa-as de fora.

O protagonista do conto, seguindo a mensagem do sonho, viaja à Pérsia em busca de sua fortuna e, como um verdadeiro Odisseu, enfrenta “os perigos dos desertos, dos navios, dos piratas, dos idólatras, dos rios, das feras e dos homens” (BORGES, 2001, p. 313). Todavia, ao chegar a Isfaján, durante a noite, quando dormia no pátio de um templo, é abruptamente açoitado por guardas noturnos que confundiram o homem do Cairo com um ladrão e assaltante. Depois de quase chegar à morte devido ao açoite com varas de bambu e, sequencialmente, passar dois dias na cadeia, o capitão da guarda dirige-lhe um interrogatório sobre seu nome, sua pátria e seus objetivos da estadia na Pérsia. Mohamed El Magrebi (assim chamava-se o homem do Cairo) conta ao capitão seu sonho e, ironicamente, afirma que a fortuna prometida só poderia ser os açoites sofridos. Diante dessas explicações, o capitão sorri e diz o seguinte a Mohamed

‘Homen destinado y crédulo, tres veces he soñado con una casa en la ciudad de Cairo en cuyo fondo hay un jardín, y en el jardín un reloj de sol y después del reloj de sol una higuera y luego de la higuera una fuente bajo de la fuente un tesoro. No he dado el menor crédito a esa mentira. Tu, sin embargo, engendro de una mula con un demonio, has ido errando de ciudad en ciudad, bajo la sola fe de tu sueño. Que no te vuelva a ver en Isfaján. Toma estas monedas y vete’
(BORGES, 1969, p. 118-119).

– Homem desatinado e crédulo, três vezes já sonhei com uma casa na cidade do Cairo, em cujos fundos há um jardim, e no jardim um relógio de sol e depois do relógio de sol uma figueira e logo abaixo da figueira uma fonte e debaixo da fonte um tesouro. Nunca dei o menor crédito a essa mentira. Enquanto tu, filho de uma mula com um demônio, vieste errando de cidade em cidade, guiado apenas pela fé em teu sonho. Que eu jamais te torne a ver em Isfaján. Toma estas moedas e vai.
(BORGES, 2001, p. 314).

No âmbito da tradução, como podemos observar, o propósito primeiro de Clarice vê-se também preservado aqui: deixar o texto em português o mais próximo possível da escrita de Borges. Além disso, no fragmento transcrito, temos o desenlace de toda a narrativa: Mohamed, na verdade, é obrigado a se dirigir à Isfaján para ouvir de seu algoz, o capitão da guarda, que a fortuna estava enterrada no jardim dos fundos de sua própria casa no Cairo. Com as moedas recebidas do capitão, retorna à sua pátria, afirmando o narrador que “debaixo da fonte de seu jardim (que era a do sonho do capitão) [Mohamed] desenterrou o tesouro” (BORGES, 2001, p. 314). Além da intriga bem estruturada, o conto traduzido por Borges e, sucessivamente, por Clarice apresenta uma questão também digna de nota: a narrativa é permeada por uma atmosfera oculta que marca a religiosidade da cultura oriental (Alá, o Deus Todo-Poderoso, o Generoso, o Oculto, entre outros termos são mencionados), rompendo o limite entre o sonho e o real, o invisível e o visível, o oculto e o manifesto, a literatura e a vida. Limite esse que encontramos borrado também, em diferentes níveis e propostas, na ficção de Borges e Lispector. Por extensão, podemos pensar que a “História dos dois que sonham” (o homem do Cairo e o capitão da Pérsia) pode ser estendida, sintomaticamente, à “História dos dois que traduziram” (Jorge L. Borges e Clarice Lispector), ainda que por diferentes razões, uma das mil e uma noites que pode existir, fazendo de suas literaturas o lugar da tradução por excelência.

A tradutora entre mil e um sonhos

Para os que gostam de interpretações, tento duas: na primeira prosa de Borges, a moral é que nossa fortuna está conosco mesmo. Na narrativa de Wei Cheng-em, vê-se talvez o signo da fatalidade, da qual não se pode fugir. (LISPECTOR, 1969, p. 2).

No caso do escritor argentino, a tradução, como bem afirma o próprio Borges nos prólogos já citados, assume o caráter de atividade intrínseca ao lugar do escritor (lembramo-nos de que *Historia universal de la infamia* (1935) trata-se de um dos livros mais inclassificáveis da poética borgeana); no caso de Clarice, a tradução alcança, por suplência, o lugar da ficção em suas crônicas semanais. Em ambos, a noção de autoria se vê problematizada e a origem dos textos desestruturada. Entretanto, a importância da tradução do pequeno conto no projeto da escritora brasileira não está circunscrita apenas a esse aspecto. Como se não bastasse,

Lispector traduz, na mesma coluna do Jornal do Brasil, logo abaixo do conto “de” Borges já traduzido (“História dos dois que sonharam”), um fragmento intitulado “A sentença”. A tradutora insere a seguinte informação após o título, entre parênteses: “Narrativa de Wei Cheng-en, seleção de Jorge Luis Borges e Adolfo Casares”. Por isso, podemos dizer, não forçosamente, que o exercício de tradução em Lispector se torna ainda mais babélico quando levamos em consideração esse fato.

O excerto traduzido por Clarice foi retirado do volume *Cuentos breves y extraordinarios*, organizado por Jorge Luis Borges e seu amigo Adolfo Bioy Casares, em 1953. De modo geral, a antologia apresenta microcontos fantásticos de escritores de diversas nacionalidades e culturas, selecionados e traduzidos pelos amigos para a língua espanhola⁶. Em “Nota preliminar” do volume, eles afirmam: “Este livro quer propor ao leitor alguns exemplos do gênero, ora referentes a ocorridos imaginários ora ocorridos históricos. Interrogamos, para tanto, textos de diversas nações e de diversas épocas, sem omitir as antigas e generosas fontes orientais” (BORGES; CASARES, s.d., p. 2, tradução nossa⁷). Entre essas fontes, encontra-se o conto “La sentencia” de Wei Cheng-en, poeta e romancista chinês que viveu entre 1505 e 1580, segundo informação presente na antologia. Clarice traduz o conto a partir do espanhol intitulando-o “A sentença”. Nele, o narrador apresenta uma lendária história oriental em que o imperador sonha com um pedido de proteção feito por um dragão, pois os “astros” tinham revelado ao animal que Wei Cheng, ministro do imperador, cortar-lhe-ia a cabeça. O imperador jurou-lhe, em sonho, proteção. Nas palavras do narrador

Aquella noche, en la hora de la rata, el emperador soñó que había salido de su palacio y que en la oscuridad caminaba por el jardín, bajo los árboles en flor. Algo se arrodilló a sus pies y le pidió amparo. El emperador accedió; el suplicante dijo que era un dragón y que los astros le habían revelado que al día siguiente, antes de la caída de la noche, Wei Cheng, ministro del emperador, le cortaría la cabeza. En el sueño, el emperador juró protegerlo. (BORGES; CASARES, s.d., p. 3, grifos nossos).

Aquela noite, o imperador sonhou que havia saído de seu palácio e que na obscuridade caminhava debaixo das árvores em flor. Algo se arrojou a seus pés e lhe pediu proteção. O imperador atendeu: o suplicante lhe disse que era um dragão e que os astros lhe haviam revelado que no dia seguinte, antes de anoitecer, Wei Cheng, ministro do imperador, lhe cortaria a cabeça. Em sonho, o imperador jurou protegê-lo (BORGES; CASARES, 2001, p. 315).

Dessa passagem inicial sobressai-se uma questão. Quando comparamos minuciosamente a tradução feita por Clarice e o texto de partida escrito/traduzido em espanhol pelos escritores argentinos, notamos que duas pequenas frases são suprimidas pela tradutora em sua versão, por isso os grifos. Isso reitera o fato de que nenhum programa de tradução, seja ele prévio ou não, se mantém inalterável. No que se refere à informação do local (“por el jardín/ pelo jardim”) não há nenhum empecilho tradutório, tornando-se a supressão, neste caso, um recurso do qual se valeu Clarice, seja pelo espaço que tinha na página do jornal cuja coluna de crônicas era publicada, seja por uma opção literária em que Lispector se mostre mais adepta a períodos curtos e diretos em língua portuguesa, assim como levou ao extremo em sua produção durante a década de 1970. A nosso ver, as duas premissas são aceitáveis e não se aniquilam. Já com relação à retirada da sentença “en la hora de la rata”, o caso, além de literário, pode ter sido fruto de um entrave tradutório. Por não constar em dicionários oficiais de língua espanhola, possivelmente tal sentença refere-se a uma expressão da cultura oriental que relaciona os animais aos períodos temporais, no âmbito astrológico (não podemos nos esquecer de que, na esfera do enredo, os astros comunicam ao dragão sua morte). No caso da sentença, o “horário do rato” pode ter uma possível relação com o horóscopo chinês, pois o intervalo de tempo compreendido entre 23h da noite e 1h da manhã é regido, astrologicamente, pelo referido animal.

Logo, a escolha pela retirada da expressão talvez tenha ocorrido em virtude de possíveis referências que poderiam não se compartilhar entre os leitores da coluna do jornal. Afirmamos isso, porque Clarice, conforme relata nas próprias crônicas, recebia cartas de seus leitores, apesar de não conseguir sempre

⁶ Entre os vários escritores presentes na antologia, destacam-se: Voltaire, Plutarco, Cicerón, Kafka, Denevi, Diderot, Max Jacob, Paul Valéry, Stevenson, Allan Poe, Pío Baroja, Samuel Butler, Chuang Tzu e Virgilio Piñera.

⁷ “Este libro quiere proponer al lector algunos ejemplos del género, ya referentes a sucesos imaginarios, ya a sucesos históricos. Hemos interrogado, para ello, textos de diversas naciones y de diversas épocas, sin omitir las antiguas y generosas fuentes orientales” (BORGES; CASARES, s.d., p. 2).

respondê-las. Em 24 de fevereiro de 1968, nas crônicas “Sentir-se útil” e “Outra carta”, a escritora comenta de duas missivas recebidas: uma assinada por H. M. e a outra por L. de A.. Na primeira, uma leitora agradece à cronista, afirmando que sentia a sua capacidade de amar ainda mais fortalecida ao ler os textos de sábado (Cf. LISPECTOR, 1999, p. 78); na segunda, um leitor, apesar de dizer da estranheza sentida com o nome da escritora (que, por sua vez, poderia se chamar “Larissa”, na opinião dele), pede à Lispector que não se afaste das colunas do sábado, pois ninguém a substituiria à altura (Cf. LISPECTOR, 1999, p. 78). Em resposta a essas duas cartas, a intelectual evidencia sua preocupação com o público, afirmando que o leitor é, na verdade, um individual e estranho personagem intimamente relacionado ao escritor. Nas palavras de Clarice: “O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor” (LISPECTOR, 1999, p. 79). Aqui, evidencia-se uma escritora cuja obra solicita com frequência a interlocução com o leitor para que seus textos fossem recebidos enquanto tais, ainda quando suas crônicas se tratassem, basicamente, de fragmentos traduzidos a partir de textos alheios.

Voltando ao conto chinês traduzido por Clarice, o imperador, na intenção de proteger o dragão, mantém o ministro ocupado o dia todo. Para garantir o objetivo, aquele joga xadrez com este durante a tarde, razão pela qual o ministro, muito cansado da longa partida, acaba dormindo e sendo despertado, posteriormente, por um estrondo que abalara a terra. Logo depois,

[...] irrumpieron dos capitanes que traían una inmensa cabeza de dragón empapada en sangre. La arrojaron a los pies del emperador y gritaron:
 – ¡Cayó del cielo!
 Wei Cheng, que había despertado, lo miró con perplejidad y observó:
 – Que raro, yo soñé que mataba a un dragón así (BORGES; CASARES, s.d., p. 3).

[...] dois capitães entraram trazendo uma imensa cabeça de dragão empapada de sangue. Atiraram-na aos pés do imperador e gritaram:
 – Caiu do céu!
 Wei Cheng, que havia despertado, olhou-a perplexo e observou:
 – Que estranho! Eu sonhei que matava um dragão assim (BORGES; CASARES, 2001, p. 315).

É interessante observar que o intento do imperador (o de proteger o dragão) estava, desde sempre, destinado ao fracasso. Isso ocorre porque a promessa feita estava na esfera do sonho (“Em *sonho*, o imperador jurou protegê-lo”), não da realidade. Dessa forma, o sonho desempenha o papel de avisar ao imperador que a morte anunciada ocorreria, exclusivamente, na esfera do próprio sonho, como bem atesta o ministro ao fim do conto (“Eu *sonhei* que matava um dragão assim”). Situação justificadora do próprio título da narrativa chinesa: “A sentença”. Em outras palavras, o destino se concretizaria de qualquer forma, ainda que em sonho, bem ao modo do que ocorre nas narrativas de cunho fantástico e popular de Wei Cheng-en, que teve a maior parte de sua obra perdida ao longo dos tempos. Aqui se interpõe uma possível justificativa para Clarice ter traduzido, a partir dos livros de Borges, uma noite do *Livro das mil e uma noites* e o conto “A sentença”: ambos compõem o que podemos rubricar por narrativas fantásticas do extremo oriente. Temos, com isso, uma escritora que traduz, lê e seleciona textos curtos a partir dos livros borgeanos, como espécie de escritora-leitora que alimenta as páginas do jornal, fazendo ainda mais sentido a afirmação de Clarice já mencionada: “na verdade ele, o leitor, é o escritor” (LISPECTOR, 1999, p. 79). Curiosamente, no mesmo espaço da página do periódico, após as traduções dos referidos contos, a escritora-tradutora apresenta ao leitor da “crônica” espécie de glosa das micronarrativas traduzidas: “Para os que gostam de interpretações, tento duas: na primeira prosa de Borges, a moral é que nossa fortuna está conosco mesmo. Na narrativa de Wei Cheng-en, vê-se talvez o signo da fatalidade, da qual não se pode fugir” (LISPECTOR, 1969, p. 2).

Na página do jornal, não há nenhuma indicação sugerindo ser o fragmento uma interpretação de Lispector, até mesmo porque as duas interpretações são reproduzidas abaixo do texto de Wei Cheng-en como se elas fizessem parte da narrativa chinesa, pelo menos no contexto de 1969. Em outras palavras, poderíamos dizer que há uma escritora que traduz um fragmento do *Livro das mil e uma noites* (via Borges), prolongando-o com a tradução do microconto de Wei Cheng-en, e, por conseguinte, suplementa a noite 351 e o conto chinês com uma interpretação de sua própria autoria. Labirinticamente, bem ao modo borgeano, podemos vislumbrar a afirmação de Lispector – “na verdade ele, o leitor, é o escritor” (LISPECTOR, 1999, p. 79) – em duas direções paralelas e convergentes ao mesmo tempo.

Na primeira direção, os seguintes fatos: 1) Clarice traduz, em 1969, o conto “de” Borges, “Historia de los dos que soñaron”, a partir do livro *Historia universal de la infamia* (1935); 2) Borges lê/traduz a noite 315 do *Libro de las 1001 noches*; 3) as noções de autoria e texto original são babelicamente esfumaçadas. Na segunda direção, os seguintes fatos: 1) Lispector traduz, em 1969, o conto de Wei Cheng-en a partir da antologia *Cuentos breves y extraordinarios*, organizada por Borges e Casares em 1953; 2) Borges e Casares leem e traduzem a narrativa chinesa, inserindo-a na antologia mencionada; 3) a autoria do conto chinês é imprecisa e não demarcada, uma vez que muitas obras de Wei Cheng-en perderam-se ao longo dos anos. Ambas as direções se intertocam no momento em que a escritora-tradutora propõe seu comentário, unindo as narrativas sob uma rubrica maior: “História dos dois que sonharam”, como se os textos orientais em tradução se suplementassem, relacionando-se via leitura/tradução, na página do jornal.

Clarice, uma demiurga contrafeita

[...] admiração por aqueles e aquelas que considero os únicos a saber ler e escrever: as tradutoras e [os] tradutores (DERRIDA, 2000, p. 14).

A prática de tradução e leitura – no sentido mais estreito dos termos – está presente tanto em Clarice quanto em Borges, apesar de uma diferença básica: na escritora, a reflexão sobre essa prática incide nela mesma, enquanto, no escritor, o pensamento sobre o ato da reescrita infinda geralmente “passa pela mediação de outros autores” (GALVÃO, 2001, p. 337). Em ambos, notamos uma consciência demiúrgica sobre papel da tradução frente ao processo de criação literária. Não por acaso, Walnice Nogueira Galvão afirma ser Clarice “uma escritora dotada de [certa] consciência de seus poderes demiúrgicos, mas demiurgo contrafeito, temeroso de sua onipotência e onisciência” (GALVÃO, 2001, p. 342), fato que a distancia de Borges, substancialmente.

Como espécies de “paixões literárias desvinculadas de suas origens” (GALVÃO, 2001, p. 336), os textos traduzidos e as leituras de fragmentos alheios estiveram presentes no projeto literário urdido por Clarice. Quando não reclamada a presença do outro no mundo da (re)escrita clariceana, parece-nos que a autora se entrega, na verdade, a um infindo processo de “transmigração auto-intertextual” (GALVÃO, 2001, p. 341). Basta somente lembrarmos, entre outros, do conto “A quinta história”, publicado inicialmente em *A legião estrangeira* (1964) e republicado em *Felicidade clandestina* (1971). Nele, à primeira vista, uma narradora apresenta cinco histórias distintas, mas relacionáveis entre si, acerca do processo de matança das baratas em seu apartamento. São elas: a primeira “Como matar baratas”, a segunda “O Assassinato”, a terceira “As Estátuas”, a quarta sem título nominado e a quinta “Leibnitz e a Transcendência do Amor na Polinésia”.

Aparentemente, pelos títulos, as histórias não teriam relação alguma, postulado logo descartado quando a narradora apresenta o que podemos chamar de mecanismo de encaixe⁸. Ao iniciar cada narrativa, o conto de Lispector retoma o conflito inicial que assola a narradora na versão anterior, estruturando uma espécie de torre narrativa que precisa de outros andares para se sustentar, sugerindo, simultaneamente, uma infinidade babélica de histórias. Esse recurso, além de nos remeter às narrativas de tradição oral dos tempos longínquos, faz-nos lembrar da *legião [de tradição] estrangeira* a que Clarice se reporta ao traduzir os contos a partir de Borges. Não por acaso, Nádia Gotlib (2009) também notara que alguns contos clariceanos se estruturam na “mistura da tradição do imaginário popular de um passado oral longínquo com a erudição científica [...] reatualizada” (GOTLIB, 2009, p. 346).

Como Sherazade, que prolongava sua vida com histórias, tanto a tradutora quanto a escritora souberam se valer da *felicidade clandestina* da tradução e da reescritura, entretecendo mil e uma histórias ainda que existisse apenas uma. Prolongamento esse de vida, de literatura e de tradução, sustentado pelo vínculo de histórias próprias e alheias, ou como bem afirmou Clarice Lispector em seu conto: “[...] histórias, verdadeiras, porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noite me dessem” (LISPECTOR, 1998, p. 147).

⁸ Os elementos textuais que guiam os vários encaixes são os seguintes: 1) “Começa assim: queixei-me de baratas”, 2) “Começa assim: queixei-me de baratas”, 3) “Começa dizendo que eu me queixara de baratas”, 4) “Começa como se sabe: queixei-me de baratas”, 5) “Começa assim: queixei-me de baratas” (LISPECTOR, 1998, 147-150).

Referências

- ARROJO, Rosemary. Borges e a maldição de Babel: escritura, interpretação e conflito. In: SCHWARTZ, Jorge (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 149-163.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Biblioteca Pierre Menard)
- BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. In: _____. *Discussão*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 103-110.
- _____. História dos dois que sonharam [Historia de los dos que soñaron]. Tradução de Clarice Lispector. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Ano LXXIX, n. 225. Rio de Janeiro: 27 de dezembro de 1969. p. 2. Republicado em: SCHWARTZ, Jorge (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 313-314.
- _____. Os tradutores d'as mil e uma noites. In: _____. *História da eternidade*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 82-109.
- _____. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *História universal da infâmia*. Tradução de Flávio José Cardozo. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- _____. *Historia universal de la infamia*. 8. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 1969. (Obras Completas)
- BORGES, Jorge Luis; CASARES, Adolfo Bioy (orgs.). *Cuentos breves y extraordinarios*. 7ª ed. Buenos Aires: Losada, s.d.
- CASARES, Adolfo Bioy. Discurso de Adolfo Bioy Casares en la entrega del Premio Cervantes 1990 [Fragmento]. *Biblioteca virtual Miguel de Cervantes*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor-din/discurso-de-adolfo-bioy-casares-en-la-entrega-del-premio-cervantes-1990-fragmento/html/e6c86ffc-1e40-4bd7-832a-4f2bfae41902_2.html#I_0_>. Acesso em: 17 mai. 2020.
- COUTINHO, Edilberto. Uma mulher chamada Clarice Lispector. In: *Criaturas de Papel: temas de literatura & sexo & folclore & carnaval & televisão & outros temas da vida*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1980. p. 165-170.
- DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução “relevante”? Tradução de Olivia Niemeyer Santos. *Alfa: Revista de Linguística*. Edição especial Tradução, desconstrução e pós-modernidade. v. 01, n. 44. São Paulo: Editora da UNESP, 2000. p. 13-44. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4277/3866>. Acesso em: 17 mai. 2020.
- FERREIRA, Teresa C. Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Demiurgos: Borges e Clarice Lispector. In: SCHWARTZ, Jorge (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 333-346.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6ª ed. rev. e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Outros escritos*. Organização de Teresa Montero e Lícia Manzo. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. História dos dois que sonharam, Jorge Luis Borges. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Ano LXXIX, n. 225. Rio de Janeiro: 27 de dezembro de 1969. p. 2. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19691227&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*, 23.ª ed., [versión 23.3 en línea]. <<https://dle.rae.es>>. Acesso em 17/05/2020.

SCHWARTZ, Jorge (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: Benjamin, 1995.